buscar no site...

Feira de Santana, Sexta, 06 de Janeiro de 2017

André Pomponet

O desafio do planejamento para os prefeitos eleitos

André Pomponet - 21 de novembro de 2016 | 09h 34

20

Em janeiro os prefeitos eleitos em outubro assumem – ou reassumem – mandatos que se estenderão pelos próximos quatro anos, até 2020. Ninguém vai assumir iludido: com as contas públicas escangalhadas, muitas promessas vão ser esquecidas logo nos primeiros dias de gestão. Mais urgente é apurar o que se deve e assegurar a continuidade de serviços públicos essenciais, deixando para mais adiante aquilo que é mais ambicioso ou inovador. Cenários do gênero, a propósito, também foram comuns em 2013, mas, naquela época, não havia a sombra ameaçadora da debacle econômica atual.

Agora há, também, um ingrediente adicional: uma intensa crise política que não permite enxergar, com clareza, o horizonte de médio prazo no País. Afinal, há um par de meses Dilma Rousseff (PT) foi apeada do poder mediante uma manobra traiçoeira; e o sucessor, Michel Temer (PMDB), permanece pouco firme no cargo, cambaleando a qualquer boato sobre delações.

A instabilidade política é perpassada pela mais profunda crise econômica das últimas décadas no País. Com arrecadação declinante, os combalidos cofres públicos oferecerão pouca margem para viabilizar aquilo que foi anunciado com pompa nos palanques ou lançado com audácia nos planos de governo. É o que se pressente.

Mas a escassez de recursos não é o único obstáculo à implementação dos planos de governo. Nem todos estão atentos, mas a intensidade das crises limita os horizontes, encurtando os olhares para o curto prazo; e as próprias instituições também cambaleiam, ajustando-se ao hoje, ao imediato.

Xeque

Noutras palavras, o cenário atual – marcado por crises econômica e política simultâneas – coloca a função planejamento em xeque em inúmeros municípios brasileiros. Afinal, os recursos minguam, sobretudo aqueles decorrentes de convênios com estados e o governo federal; a instabilidade política torna as concertações mais trabalhosas e demoradas; e os serviços públicos ofertados se deterioram, em função da crise.

“Que fazer?”, pensarão muitos prefeitos, cismando sobre suas possibilidades. Muitos investirão na fórmula simples das medidas emergenciais, guiados pelo burburinho das ruas, limitando-se ao clássico “feijão-com-arroz”; nas maiores cidades prevalecerão os discursos das parcerias com a iniciativa privada, fórmula mágica adotada como clichê de inúmeras campanhas.

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira

Fracasso da política de às drogas, uma pinóia.

Cidade para pessoas- s nas calçadas de Feira

Glauco Wanderley

Com menos de 1% dos prefeito, Ângelo ressus deputado estadual

Zé Neto insiste na tese diz que o que é ruim pa ruim para o Brasil

André Pomponet

Crise extinguiu 12,4 mil trabalho até novembro

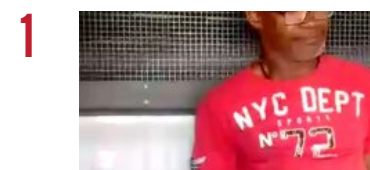
Violência cresce no alv 2017

Valdomiro Silva

Goleada em Kiev reforç importância do vídeo n

O teste do auxílio das i Mundial de Clubes

AS MAIS LIDAS HOJE

1

Se homossexualismo pode, incesto tan argumenta autor de chacina

2 PM prende homem que pôs fogo na mu filhos e matou cinco

Concretamente, o futuro é sombrio: a afamada PEC 241, por exemplo, na prática, vai limitar repasses para a Saúde e a Educação, inviabilizando muitas promessas. E os almejados investimentos em infraestrutura urbana – garantia de intensa visibilidade administrativa – serão menos vistosos que no passado, conforme já se prevê.

Planejamento

Todos esses embaraços indicam que a função planejamento no Brasil vai, mais uma vez, se tornar adereço inútil? É improvável que o cenário se deteriore nos mesmos níveis das hiperinflações dos anos 1980 e 1990. Mas não restam dúvidas que, hoje, planejar enfrenta constrangimentos que, há apenas um par de anos, pareciam remotos.

A tentação de elaborar planos burocráticos e pouco sintonizados com a realidade certamente vai ser grande. Afinal, é tradição no Brasil a noção de que plano é peça formal e que gestão se toca contornando as contingências diárias, sem muita ciência. Graças a raciocínios do gênero é que existe tanta insatisfação com os governos.

O fato é que, apesar das contingências – e, paradoxalmente, muito em função delas –, o planejamento coloca-se como um imperativo para o ciclo gerencial que se inicia em janeiro nos municípios brasileiros. Sobretudo devido à infindável crise que, no cenário externo, ganhou mais uma variável, com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos...

3 Concurso: Prefeitura alerta sobre notíc site

4 Laboratório de Entomologia vai intensif em 2017

5 Bahia foi o sexto estado com menos m violentas em presídios durante 2016

André Pomponet

LEIA TAMBÉM

Crise extinguiu 12,4 mil postos de trabalho até novembro

Violência cresce no alvorecer de 2017

Carro do ovo é o retrato da crise econômica